

título, feita com o apóio do Ministério da Educação: contem uma tese do A. sobre a instituição do Governo geral e a fundação da Cidade em 1.º de maio de 1549, além da transcrição, com grafia e pontuação atualizadas, do Regimento e da carta de nomeação de Tomé de Souza segundo a versão da **História da Colonização Portuguesa do Brasil**: na mesma época apareceu **Os Presidentes da Província da Bahia efetivos e interinos, 1824-1889**, de Arnold Wildberger, 861 pp., ilustr., 33,5 cms., em edição do A.; trata-se de um conjunto de excelentes estudos biográficos e históricos, resultante de criteriosa pesquisa na literatura sobre o assunto e em arquivos públicos e privados. Seguiram-se **Bahianos ilustres, 1564-1925**, de Antônio Loureiro de Souza, 222 pp., ilustr., 33 cms., edição do A., composta de bons esboços biográficos de figuras destacadas da administração, política, poesia, clero; **A fundação da Cidade do Salvador em 1549**, de Edgard de Cerqueira Falcão, 102 pp., 24 cms., edição do A., constante do memorial do A. à Câmara Municipal sobre a fixação da data para as comemorações do IV Centenário da Cidade, inclusive a discussão do tema no I Congresso de História da Bahia; **A Cidade de Tomé de Souza** (Aspetos quinhentistas), de Alberto Silva, ed. Pongetti, 236 pp., ilustr., 22 cms., coletânea de eruditos artigos publicados na imprensa diária sobre variados assuntos históricos relacionados com o título.

A Cia. de Seguros "Aliança da Bahia" e a Aliança da Bahia Capitalização instituíram um prêmio de 100 mil cruzeiros para o melhor livro publicado ou escrito em 1949 sobre a Bahia, concurso cujas inscrições foram prorrogadas até 30 de junho de 1950 e cuja comissão julgadora compõe-se de Lúcia Miguel Pereira, Otávio Mangabeira, Alceu de Amoroso Lima, Anísio Teixeira e Augusto Frederico Schmidt.

T. A.

LUGON (Clóvis). — **La République Communiste chrétienne des guaranis** (1610-1768). Prefácio de Henri Desroches. Les Éditions Ouvrières (Documents). Économie et Humanisme. Paris. 1949. 288 pp. de texto + 8 pp. de bibliografia e índice. Fora do texto: 1 carta da República guaraní + 2 pp. con. ilustrações.

A famosa e maldada República Teocrática — a república comunista cristã dos guaranis — poderia ter sido, como pergunta o prefaciador da obra, uma experiência simultaneamente comunista e cristã?

Mesmo que se procure ladear a questão, sugerindo a possibilidade de uma organização social "espiritualmente cristã e temporalmente comunista", ainda assim, "l'accouplement des deux qualificatifs ne saurait s'accomplir sans contradiction". Percebendo esta contradição ou, melhor, a impropriedade do título da obra, em longa **Introdução** procura o A. justificá-lo.

"La République Guaranie, diz êle, était sans doute trop communiste pour les chrétiens bourgeois et trop chrétienne pour les communistes de l'époque bourgeoise. C'est pourquoi elle fut mise sous de boisseau. Dès qu'on veut bien l'en retirer sans chercher à voiler sa double lumière, elle apparaît dans l'histoire comme la plus fervente des sociétés chrétiennes et comme la plus importante et la plus originale des sociétés communistes réalisées jusqu'à l'U.R.S.S."

Parece-nos que o A. não deveria estabelecer aproximação entre atitudes e fatos decorrentes das intenções cristãs dos catequistas dos séculos XVI e XVII, em contato com a grande massa de ingênuos neófitos guaranis, e os fatos e atitudes políticas comunistas em face dos gravíssimos problemas sociais da atualidade.

A organização social das reduções ou colônias guaranis daqueles séculos, não poderia ter sido pré-estabelecida nem por um Santo Inácio e muito menos ainda por um Stalin. Ela foi a resultante, hábilmente aproveitada, das componentes impostas pelas condições mesológicas, sociais, religiosas e econô-

micas. Independente, portanto, da orientação rígida de uma Igreja ou da disposição estatutária de um Partido político.

Se não há dúvida que milhares de guaranis se predispuzeram a aceitar a orientação cristã dos catequistas, no campo espiritual, por motivos vários que não podemos discutir aqui, não há dúvida também que os jesuítas, no plano temporal, se adaptaram ao ambiente e às peculiaridades guaranis.

Dirão que por conveniência própria falavam e escreviam a língua nativa; adotavam usos e costumes da vida doméstica e toleravam desvios da linha imposta pela doutrina cristã. Mas, em muitos casos, não poderiam proceder os guaranis da mesma forma e com as mesmas intenções? A cruz de Cristo que os velhos chefes guaranis traziam sobre o peito valeria mais que um cocar de penas coloridas à cabeça de um jesuíta? Quando os catequistas perguntavam aos catecúmenos, cheios de ardor místico, na prédica do catecismo: quantos deuses há? (*Mobyrype Tupã?*) e o neófito respondia: apenas um (*oiépé ñó*), isso poderia significar que o guarani tinha os olhos postos em Jesus Cristo ou que o padre estivesse entrevedendo Tupã? Claro que não. A trágica e fragorosa desarticulação dessa tessitura política e religiosa, que durante quase dois séculos resistiu às inevitáveis forças internas de desagregação, parece demonstrar que não possuía ela ainda a consciência da unidade social e territorial. Desde o instante em que os jesuítas abandonam a direção das grandes massas guaranis, retornam elas, com rapidez impressionante, aos rumos tradicionais da sua marcha pré-colombiana. Os dois séculos de doutrina cristã e de vida "republicana" não bastaram para criar chefes ameríndios devidamente capazes de substituir os chefes jesuítas na hora das provações. E nem, dentre os jesuítas, surgiu o "republicano" integralmente apaixonado pela "república", capaz de transformar-se em chefe rebelde na defesa da sociedade em perigo.

A famosa República, parece-nos, muito se assemelhava a um grande e sui-generis internato religioso... No dia em que faltou o Diretor, dispersaram-se tumultuariamente os discípulos desorientados. "La Republique Guarani a eu la grâce des enfants, une pureté candide"...

Enfim, deixando de parte a propriedade ou impropriedade do título da obra, não se poderá negar o seu grande valor como síntese histórica e social das reduções jesuíticas. Baseado em excelente documentação, recentemente publicada e nas obras clássicas antigas, pôde o A., com grande brilho, sintetizar o seu trabalho sem deixar de estudar todos os aspectos da cultura material e espiritual dos densos agrupamentos guaranis. Além disso, mantém-se o A. com admirável isenção de ânimo na análise dos fatos e dos homens. Os filhos de Loyola, através das páginas de sua obra, ressurgem engrandecidos e iluminados. Pensamos que, como metucioso trabalho de síntese, é o melhor que se produziu até hoje sobre as célebres reduções jesuíticas. Mesmo nos capitulos sobre a ação nefasta dos paulistas (*Ravages des paulistes*) e sobre o encontro de Mbororé (*Bataille de Mbororé*), aos quais poder-se-ão opôr restrições e sugerir novos esclarecimentos, demonstra o A. a preocupação honesta de não defender ou acusar por conta própria. Cinge-se aos documentos de que pode dispor, interpretando-os à luz do bom senso e da verdade histórica. É mais, sem perder de vista a época e o ambiente em que os fatos relatados se passaram. Um excelente trabalho, em suma, sobre um tema difícil e empolgante.

PLÍNIO AYROSA.

PERAMAS (José Manuel) (1732-1793). — *La República de Platón y los Guaraníes*. Traducción y notas de Juan Cortes del Pino. Prólogo de Guillermo Furlong, S. J. — Emecé Editores S. A. — Buenos Aires. 1946. 224 pp.

Pela presente edição se torna acessível uma obra, publicada desde 1793 mas muito pouco aproveitada nos tratados sobre as missões jesuíticas entre